



**NEHTE**

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HIPERTEXTO  
E TECNOLOGIA EDUCACIONAL



Artigos

## O QUE O MEU ALUNO FAZ NESSE TAL DE **orkut**?\*

Júlio César Araújo\*\*

O “*Folha de São Paulo*”, no ano de 2005, forneceu dados estatísticos que mostraram uma vertiginosa popularização da Internet entre os brasileiros. Segundo esse renomado veículo de informação, 32 milhões de pessoas no Brasil já acessam a Internet e usufruem de todas as suas possibilidades comunicativas. Certamente, o barateamento dos equipamentos pode ser apontado como um dos fatores que oportunizaram a experiência com as práticas discursivas do ambiente digital. A facilidade de acesso tem provocado maneiras novas de participação social, graças aos famosos *softwares* sociais, como os *blogs* e os *chats* virtuais pelo MSN. Embora sejam muitas as possibilidades interativas em domínio discursivo digital, poucas delas têm sido tão comentadas ou utilizadas quanto o Orkut, uma das “mais novas ondas que se levantam do oceano internetiano”. Neste ponto, se considerarmos as feições similares que vêm se desenhando nas práticas interativas acontecidas neste famoso *software* social, cabem as palavras de Marcuschi (2004) que, ao se referir aos *chats*, afirma que ali estão se criando “novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais [com um] novo enquadre participativo” (p. 17).

Assim sendo, como pesquisador das práticas discursivas digitais, acredito que a sociabilidade engendrada pelas comunidades e perfis dos usuários do Orkut nos convoca e nos provoca a pensar acerca das maneiras como os “orkuteiros” têm gerenciado e arrematado as participações de seus “amigos virtuais”, seja para visitar sua página pessoal no Orkut, deixando-lhes um recadinho (mais conhecido como *scrap*), seja participando dos fóruns digitais das comunidades orkutianas. Em minha opinião, é para essa “nova sociabilidade” que devemos estar mais atentos, inclusive a escola. Entretanto, antes de qualquer coisa, devo dizer que, neste artigo, minha intenção vai além de discutir os medos e melindres pedagógicos ou os discursos deslumbrados de adesão acrítica ao novo, visto que não pretendo aprofundar uma discussão sobre se o Orkut é ou não uma ameaça à língua, nem tampouco se ele é bom ou ruim para a escola. Para detalhes sobre questões similares a essas, sugiro a leitura do meu artigo publicado na edição anterior de “Vida & Educação” (cf. ARAÚJO, 2006).

De qualquer modo, gostaria de não me furtar a instigar uma discussão nesse terreno. Por isso, pergunto: algum aluno seu já fez uma comunidade no Orkut sobre a sua escola ou sobre algum professor? Quem sabe se não há uma comunidade no Orkut e ela foi feita especialmente para você? Já pensou nisso? Saiba que essas comunidades virtuais se proliferam vertiginosamente como se fossem fios discursivos de um tecido digital que se permite bordar por milhares de mãos “orkuteiras” ao mesmo tempo. Por isso, se você ouvir determinadas frases que devem ecoar pelos corredores de sua escola, tais como: “*você tem orkut?*”; “*me adiciona, hein!*”; “*ei, entra na comunidade que fiz pra nossa professora de português*” – ou ainda – “*adorei o depoimento que você fez pra mim*”, digo-lhe que não se

---

\* ARAÚJO, J. C. O que o meu aluno faz nesse tal de Orkut?. **Vida Educação**. Fortaleza: Brasil Tropical, ano 3, n. 9, 2006, p. 29-32.

\*\* Doutor em Linguística pela UFC, onde trabalha como Professor no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Departamento de Letras Vernáculas. Atua como pesquisador no grupo PROTEXTO da mesma Universidade. Contatos: <julcra@uol.com.br>

assuste! Você não estará em outro planeta! Apenas ainda não faz parte da comunidade do Orkut.

Mas você sabe o que é o Orkut? Já parou para pensar nessa palavra que está na moda entre a maioria dos seus alunos? Ela não lhe provoca alguma curiosidade ou estranhamento? Se a resposta for estranhamento, eis aí uma boa oportunidade para transformá-lo em curiosidade, uma vez que somente conhecendo o “desconhecido” é que se pode enfrentá-lo. Além disso, há uma coisa que deve ser dita sobre o Orkut: nossos alunos têm lido e produzido muitos textos através dele e isso pode ser um ganho para a escola brasileira que vive reclamando que os alunos não lêem ou escrevem. Ainda sobre a palavra que designa essa nova moda de interagir na Internet, talvez fosse interessante contar um pouco de sua história.

Orkut, na verdade, é um substantivo próprio que dá nome a um jovem turco chamado **Orkut Büyükkökten**, funcionário do Google, uma bem-sucedida companhia americana de serviços de busca na Internet. Foi ele quem criou o popular *software* social que carrega o seu nome e que em tão pouco tempo granjeou milhares de adeptos. Conforme se pode ler no site <<http://www.wikipedia.com.br>>, o Orkut foi lançado de forma discreta em 22 de janeiro de 2004. Em menos de um ano, conseguiu ultrapassar a fantástica marca de 2.000.000 membros e, atualmente, deste total, 75% dos usuários são brasileiros, superando em muito o contingente de usuários americanos que, em números percentuais, equivale a 6,5 % do total de participantes (cf. MELO, 2005).

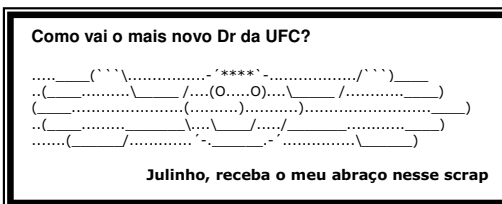
Assim, segundo o que se lê em sua própria *homepage*, o Orkut é uma grande comunidade online que conecta pessoas através de uma teia de amigos “confiáveis”, proporcionando uma espécie de ponto de encontro virtual, assemelhando-se a um ambiente de confraternização, onde é possível fazer novos amigos e conhecer pessoas que têm os mesmos interesses que os nossos. Como se pode ver, está na gênese do Orkut propiciar que se façam novos amigos, além de recuperar antigas amizades que a dinâmica natural da vida as tenha levado para outras direções. Eu mesmo “reencontrei” velhos amigos pelo Orkut, podendo recuperar meus contatos com eles.

Uma outra especificidade do Orkut é que só pode participar dele quem recebe um convite de alguém que já é participante. Uma vez aceito o convite, o sistema solicitará do neófito o preenchimento de informações que constituirão o seu perfil. Tal perfil será uma espécie de “cartão de visitas” que servirá de informações de três ordens: pessoal, social e profissional, seguidas da indexação de uma foto do adepto (cf. MENESES, 2004). São muitas as possibilidades de trocas interativas permitidas por esse *software*, que vão desde a troca de *scrap*s até a participação dos fóruns realizados nas comunidades. Além disso, é comum produzirmos ou lermos os “depoimentos” escritos por nossos amigos mais íntimos que costumam visitar nossa página. Tanta funcionalidade não é gratuita, pois cumpre o propósito comunicativo de levar às últimas conseqüências as oportunidades de achar ou de se deixar achar por alguém.

Feitas essas considerações, podemos afirmar que o Orkut é apenas mais uma maneira de socialização digital que vem conquistando muitos adeptos a cada dia e, por esta razão, a escola não deve “fechar os olhos”. Ademais, é incontestável o fato de que a base das interações no Orkut é a escrita e a leitura, duas atividades que podem ser aproveitadas pela escola. A escrita é ressignificada, pois os “orkuteiros” utilizam sinais e diacríticos para “escrever emoções” nos famosos *scrap*s que, em muitas situações, assumem alguma semelhança com os *emoticons*. Para você que ainda não sabe o que é um *emoticon*, vou repetir o que disse em um de meus trabalhos. Essa palavrinha vem “do inglês **emotin** +

**icons** ou ícones de emoção. São combinações de caracteres do teclado do computador que os participantes de *chat* utilizam para expressarem suas emoções durante a conversação” (ARAÚJO, 2004, p. 99). No Orkut, é comum encontrarmos o uso de muitos *emoticons* e de algo que mais parece uma ressignificação deles. Veja, abaixo, como é curioso o exemplo de um *scrap* que recebi recentemente de um dos meus muitos amigos que tenho cadastrados no Orkut.

Observe que este *scrap* mostra muita criatividade dos “orkuteiros” em manipular elementos da escrita. Tal como fazem os usuários de *chats* quando usam os *emoticons* nas salas de bate-papo, no Orkut também há uma ressignificação da escrita, pois os sinais de pontuação, letras do alfabeto e outros diacríticos são harmoniosamente articulados para gerar um recadinho simpático e amistoso. Diante deste exemplo, já podemos ter uma idéia de como a escrita acontece no Orkut. Ela, como em qualquer outra situação real de uso da linguagem, cumpre funções sociais que vai bem além do que as famigeradas redações sobre as férias ou sobre as datas comemorativas que, infelizmente, não cumprem nenhuma função social e, por isso, não fazem sentido para os nossos alunos. Assim, eles têm preferido desenvolver o seu potencial de escrita em outros ambientes, como a Internet, por exemplo.



Não importa se a escrita digital, a depender do gênero, exige pouca monitoração ou que tenda à informalidade, o que vale é que, pelo seu constante exercício, os estudantes estão ganhando confiança. Acerca disso, recorro aqui um dos achados da pesquisa de Márcia Ribeiro (2005), citado em meu artigo anterior (ARAÚJO, 2006). Segundo a autora, as crianças, com as quais ela trabalhou na bem-sucedida experiência de letramento digital, passaram a escrever mais e melhor em outros gêneros costumeiramente pedidos pela escola, o que significa afirmar que as muitas experiências de escrita e leitura na Internet serviram para estimulá-las para a escrita em outras situações que não só as do domínio discursivo digital.

Antes de concluir este pequeno artigo, gostaria de citar as palavras de um grande lingüista brasileiro com as quais o meu texto dialoga. Marcuschi (2004) nos faz pensar sobre o papel da escola em tempos de Internet: “já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um *e-mail* e outros gêneros do discurso eletrônico ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escreve cartas pessoais e bilhetes” (p. 17). Assim, respondendo à pergunta que deu título a este artigo, o que o seu aluno faz no Orkut é ler e escrever muito, além disso ele está experimentando um jeito diferente de socialização que deve interessar não só aos lingüistas como eu, mas também aos pedagogos, aos psicólogos, aos antropólogos, aos sociólogos e a tantos outros cientistas que possam ter algum interesse acadêmico nesses novos relacionamentos interpessoais engendrados pela Internet.

As comunidades no Orkut permitem que o seu aluno tenha um perfil personalizado com fotos, dando-lhe um “charmoso” espaço de interação com os amigos. Além disso, não esqueça de duas coisas importantes: a primeira é que ele usa muito a escrita e a leitura para isso e a segunda é que ele pertence ou modera algumas comunidades orkutianas que podem inclusive servir para discutir os problemas da escola ou as opiniões que os alunos possam ter acerca de seus professores, incluindo você que ora lê este artigo.

## Referências

ARAÚJO, J. C. A conversa na Web: o estudo da transmutação em um gênero textual. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto & Gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, pp. 91-109.

ARAÚJO, J. C. Oceano de interações na Internet: tsunami digital na escola? **Revista Vida & Educação**. Fortaleza: Brasil Tropical. Ano 3, n. 8. 2006, pp.22-23.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In. MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto & Gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, pp. 13-67.

MELO, P. H. F. da. **Software social e interação humana: observações preliminares sobre o Orkut**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/hipertexto2005/>>. Acesso em 20 de maio de 2005.

MENESES, J. El caso de Orkut.com: una reflexión sobre la exploración de nuevos caminos para la sociabilidad online en la tradición del estudio de las comunidades virtuales. **II Congreso Online**, 2004.

RIBEIRO, M. M. **Gêneros digitais na escola: uma experiência com crianças em processo de letramento**. Monografia (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa). Fortaleza: UECE, 2005.